

EM LOUVOR DE LUIS RECASÉNS SICHES

GILBERTO FREYRE,
Brasil

Não se pode afirmar da Espanha —ou do mundo hispânico de que a Espanha é a principal raiz— que tem uma sociologia sistemática do porte da alemã ou da francesa ou da dos Estados Unidos. Em primeiro lugar, o que há de mais caracteristicamente hispanico na sociologia desse mundo hispânico antes asistemático do que sistemático. Sem lhe faltarem sociólogos sistemáticos dentre os melhores da Europa de hoje, nestes não se encontra quanto a Espanha ou o mundo hispanico possui de mais seu —digamos assim— no setor da sociologia.

Enriquecida por uma tradição de sociologia asistemática que, em alguns dos seus cultores, não pretende sequer ser sociologia, precisa o estudioso do assunto —sociologias mais ou menos nacionais em alguns dos seus característicos— aproximar-se do assunto, com relação à Espanha ou ao mundo hispanico —incluidos Portugal e o Brasil de modo todo especial. Aceitando o individualismo dos hispanos dentro das próprias Ciências do Homem, sem que a presença desse individualismo importe em não possuir a Espanha —ou o mundo hispanico no qual ele se alargou, absorvendo saberes nãoeuropeus e nãoespanhois— sociólogos do melhor porte e estudos sociologicos aos quais não faltam qualidades científicas.

Lembre-mos de que Dilthey considerava Vives —o espanhol Vives— o fundador da moderna Antropologia: uma Antropologia que, como estudo social, não pode ser separada da Sociologia sem a Sociologia sofrer com a separação. De Luis Recaséns Siches se pode dizer que, como sociólogo, vem sendo quase outro Vives no seu modo de dar modernidade aos estudos sociológicos —inclusive de Sociologia do Direito— sem desprendê-los das suas fontes filosóficas.

É que em Luis Recaséns Siches, como em Georges Gurvitch, a Sociologia nunca prencinde da Filosofia. Da Filosofia, em geral, da Filosofia Social, em particular. Basta que se recorde de seus trabalhos principais que neles as sugestões filosóficas estão sempre próximas das sociologias. Exemplo: *Vida humana, sociedad y derecho*.

Isto sem prejuizo para a condição de sociólogo de Recaséns Siches. Ele não é de modo algum apenas um filósofo que se interessa pela Sociologia. Ele é, quando versa assuntos sociológicos, especificamente sociólogo, em-

bora um sociólogo em que se sente um espanhol e não um frances ou um ianque.

Dizendo o que, admite-se que, nos sociólogos, se projetam, em vários casos, suas condições ou situações nacionais. Ou as dos seus complexos transnacionais de cultura. Por vezes até seus preconceitos ou suas predileções como em não poucos os sociólogos dos Estados Unidos sua tendência para valorizarem o quantitativismo na apresentação, na análise e na interpretação de fenômenos sociais, com evidente prejuízo do que nesses fenômenos escapa à simplificação estatística ou quantitativa.

O Professor Recaséns Siches é um sociólogo hispanico que deve à sua permanencia no Mexico não poucas das provocações como que nacionais e que vêm reagindo; e que vêm representando o enriquecido de suas perspectivas sociológicas por alguma coisa de extraeuropeu. De vigorosamente extraeuropeu. Inclusive do extraeuropeu e até do extraespanhol, um extraespanhol versado, no México, por antropólogos-sociólogos de alto valor como Manuel Gamio, autor do já clássico *La población del valle de Teotihuacan*. Como já clássica é a obra de outro mexicano ilustre —este educador, com uma nova filosofia e uma nova sociologia da educação— cuja influencia sobre homens de estudo da América Latina foi, nos grandes dias de sua atividade de renovador da educação nacional no Mexico, considerável. A referencia é a José Vasconcelos.

Acresce que, no Mexico, se têm cruzado influencias de várias origens, contribuindo para avigorar nesse país os estudos antropológicos e sociais. Entre essas influencias, a do extraordinário pesquisador norteamericano que foi Robert Redfield com seus estudos sobre populações e culturas de Yucatan. E ainda mais forte que essa influencia norteamericana, tem-se feito sentir no Mexico a influencia de sociólogos espanhóis do alto valor de José Gaos, de José Medina Echavarría, Francisco Ayala, e do próprio Luis Recaséns Siches.

Nos trabalhos de Recaséns Siches se observa que não lhes falta o contacto com a sociologia norteamericana nem com a sociologia alemã. Nem o estímulo do meio mexicano é que terá concorrido para alargar certas visões sociais espanholas do grande estudioso em visões hispanoamericanas. O sentido hispanoamericano da cultura e de tipos humanos está vivamente presente na obra complexa e sempre profunda de Recaséns Siches, dando amplitude às suas interpretações do comportamento humano: fazendo-o considerar nesse comportamento o que, sendo extraeuropeu, completa o que estudos apenas europeus apresentam como essencial. A permanencia de Recaséns Siches no Mexico foi assim de grande importancia para que a sua sociologia ganhasse uma extensão de perspectiva e uma profundidade de sentido humano que falta, em vários casos, a trabalhos sob vários pontos de vista, notáveis, de sociólogos europeus fechados de todo na sua europeidade. Recaséns Siches é europeu. Mas um europeu que transeuropeizou-se. Explica-se assim que seja um sociólogo nascido e crescido intelectualmente na Europa que, atra-

vés da sua vivencia mexicana, se faz compreender por jovens e estudiosos da América do Sul como se fosse um deles.

O fato de ter nascido num país pequeno mas participante de um importante —cada dia mais importante— sistema transnacional de cultura —o hispanico— parece esclarecer certos característicos da orientação e das perspectivas sociológicas de Recaséns Siches. Os fatores culturais e ecológicos atuam sobre um sociólogo de modo mais forte que sobre um físico ou um químico ou um matemático.

Não há hispano que, em sua sociologia, se mostre de todo alheio a tais influencias. Nem mesmo os mais internacionalizados como Echavarría e Ayala —para citar apenas esses— se desprendem completamente delas.

Talvez porque o hispano como tipo em que se exprime atualmente uma cultura transnacional seja sensível, de modo particularmente hispanico, a regularidades de comportamento condicionadas por um processo histórico-social comum a vários grupos nacionais; e porventura mais atuante sobre as perspectivas desses vários grupos que igual processo em sua atuação sobre grupos eslavos ou anglosaxônicos nacionalmente diversos ou separados.

Em Recaséns Siches não é difícil identificar um sociólogo hispanico, mesmo quando aparentemente antihispanico em algumas de suas atitudes de intelectual em cuja formação estão presentes várias influencias: inclusive a alemã. Também a repercussão de crises, intra e extra-hispanicas, que evidentemente vêm contribuindo para o advertir contra qualquer excesso na ênfase que um sociólogo —ou um estudioso do Direito; e em Recaséns Siches é evidente a preocupação com a matéria jurídica que toma forma sociológica— dispense às chamadas regularidades no comportamento do Homem social, em geral, e de certas sociedades, em particular.

Com essas regularidades alternam crises. Não há sociedade nacional que possa ser apresentada como de todo livre de crises: nem mesmo a sueca que das atuais talvez seja a mais condicionada por um conjunto de regularidades que tendem a completar-se. Neste particular, o tipo social sueco seria o aposto do hispanico que parece encontrar o clima ideal para a sua expressão em dias senão de crise aguda, de irregularidades, de choques entre antagonismos, de conflictos entre subgrupos mais ou menos anárquicos em suas tendencias.

Compreende-se que Recaséns Siches procure num Direito sociologicamente orientado força que, sem violencia, contenha o pendor excessivo para irregularidades de comportamento ou de conduta. Compreende-se, também que, como hispano, tenha ele encontrado no Mexico um como laboratório ideal para observações e experimentos entre formas agudas das duas tendencias —a tendencia para a irregularidade e a tendencia para o equilibrio entre as mesmas irregularidades. Embora não pareçã ter dedicado trabalho sociológico à análise específica de sua vivencia mexicana, por essa vivencia está marcada parte nada insignificante daquela sua obra de sociólogo e de jurista em que o cientista social, mesmo cioso de sua objetividade, não deixa de ser autobiográfico: auto-

biográfico em termos por vezes quase pessoais que se despersonalizam, por força mesmo de que orientação sociológica, numa espécie daquela autobiografia coletiva de que fala um pensador alemão.

O mesmo terá acontecido com a repercussão sobre a obra sociológica de Recaséns Siches da crise espanhola ocorrida durante a sua maturidade e que sem despanholizar a Espanha fe-la experimentar novos desequilíbrios seguidos de reequilíbrios em sua vida social nacionalmente configurada. Mais: o hispano em Recaséns Siches terá recebido, no decurso destes últimos decaenios, outras sugestões valiosas sobre relações em dias críticos entre desequilíbrios e reequilíbrios que terão enriquecido seu saber sociológico. O problema que tanto preocupou Augusto Comte, sob o impacto de Revolução Francesa, não poderia deixar de preocupar, em época bem mais recente, Recaséns Siches ante os ímpetus de revoluções de menor porte que a Francesa como as que vêm agitando o seu mundo: o hispanico. Revoluções como a Mexicana, como a Argentina, como a Boliviana, como a Peruana, como as da América Central, como a Brasileira. São problemas que devem estar também preocupando outro sociólogo hispanico de alto saber, como é Francisco Ayala, desde seus começos como sociólogo voltado para o tema dramático da discriminação entre épocas agudamente críticas e épocas quase de todo normais.

A verdade, porém, é que no mundo atual, o que por algum tempo pareceu uma quase singularidade hispanica —a frequencia de crises nos seus Estados nacionais— é uma situação generalizada, grande parte do mundo hispanico —com excepção da Argentina e da Bolívia— tendo se constituido numa expressão de quase normalidade social a predominar sobre a erupção de crises de maior porte. Fenomeno que não terá escapado à atenção lúcida e penetrante de Recaséns Siches. Sobre o assunto tivemos oportunidade de conversar ele e eu primeiro na Alemanha, depois em Buenos Ayres, em reuniões de cientistas sociais às quais fomos ambos convocados.

Sobre isto e sobre a capacidade das culturas de transbordarem de seus condicionamentos políticos para se constituirem em forças transnacionais através de aglutinações não-políticas no sentido convencional de políticas; mas talvez expressões de novas relações entre novas formas políticas de organização e formas culturais renovadas de expressão. Possibilidade já entrevista, em páginas argutas, pelo mesmo Ayala, ao comentar uma das idéias geniais de Spengler: idéia de filósofos da História, com Recaséns Siches comentando o problema, desdobrado em sociólogo à sua maneira. A idéia de Spengler seria a de opor a una interpretação linear de desenvolvimento humano a do panorama de uma “variedade de culturas grandiosas” que cresceriam “com pujança cósmica no sentido de uma paisagem materna” não faltando a cada uma, dentro dessa unidade cultural, sua própria forma, sua própria substancia, sua própria maneira de ser existencialmente humana. Sem aceitar-se todo o conceito de Spengler —repelida mesmo, a sua concepção de cultura como organismo— pode-se adoptar dele parte do

seu critério segundo o qual haveria uma tendencia para conjuntos culturais grandiosos sem prejuizo da espontaneidade de expressão e da peculiaridade de substancia de seus componentes. Com esse critério coincido, em parte, o que venho sugerindo para a definição e a interpretação de um conjunto cultural de cultura hispanica que estaria se constituindo, nos nossos dias, numa força semelhante, pela sua unidade, à do conjunto cultural anglosaxônico e ás dos conjuntos culturais eslavo e chines. Sugestão que apresentei aos meus colegas, cientistas e pensadores sociais hispanicos, na referida reunião de Buenos Ayres e que mereceu deles —de muitos deles, inclusive de Recaséns Siches— o seu apoio prestigioso e compreensivo. É sugestão que desenvolvo em livro a aparecer breve no Rio de Janeiro sob o título *O Brasileiro entre os outros Hispanos*.

Há base cientificamente sociológica para esse conceito de um vasto complexo cultural panhispanico? Segundo Roger Bastide, o notável mestre da Sorbonne há pouco falecido, sim. O conceito teria projeções políticas, sem prejuizo da sua validade científica. O que parece ter sido também, ao apoiá-lo em Buenos Ayres, o parecer de Recaséns Siches.

Aliás, quem considera sociologicamente o mundo hispanico como, dentre outros, Recaséns Siches o tem considerado, considera o problema da miscigenação no plano biológico, ou biosocial, e o da interpenetração de culturas, no plano sociocultural, em suas expressões mais ostensivas na época moderna. Nesse mundo tem sido considerável o cruzamento de europeu com amerindio e, em certas áreas, também com o negro importado da África para um ambiente tropical, resultando em ampla simbiose eurotropical ou, particularmente, hispanotropical. É fenómeno a que nenhuma antropólogo ou sociólogo hispânico pode ser indiferente, sendo vários os sociólogos hispanicos que hoje repelem a tese, outrora sustentada com tanta veemência, por sociólogos franceses como Gustave Le Bon, da inferioridade do mestiço ou da pouca criatividade das culturas mistas que sofreriam de confusão e indeterminação. Recaséns Siches situa-se entre os sociólogos hispanicos que, sem sacrificio de sua ciencia, vêm o que de positivo há nas situações eurotropical de grande parte do mundo hispanico: nos seus tipos humanos e nas formas mistas de cultura que vêm saudavelmente desenvolvendo. Passou a época no mundo hispânico, de sociólogos quase tragicamente pessimistas sobre o futuro desse mundo e as possibilidades de sua gente desenvolver em terras, várias delas de climas quentes e com populações em grande parte mestiças, altas formas de socialidade e de cultura. A obra de Recaséns Siches não é das que transpiram o pessimismo das primeiras gerações de sociólogos hispanoamericanos, alguns quase neuróticos quanto a esses o outros particulares da formação social ou biosocial de suas gentes. A obra de José Vasconcelos é de Manuel Gamio foi, em conexão com esses fenomenos e sua reinterpretação, de extraordinária importancia, Gamio tendo sido mais antropólogo que sociólogo sem ter deixado de ser a seu modo sociólogo. Caso semelhante ao seu foi no Brasil o do antropólogo Roquette

Pinto. Também semelhante ao caso do mexicano Gamio vêm sendo o do antropólogo magistral que é Frós da Fonseca, igualmente brasileiro.

Que no México e no Brasil, Antropologia e Sociologia andem mais juntas do que em outros países, compreende-se. Vários dos problemas sociais que entre os mexicanos e entre os brasileiros desafiam a argúcia de sociólogos são problemas estreitamente ligados a situações que exigem análise e interpretação antropológicas. Não podem ser interpretadas na sua mais íntima realidade, sem que o pesquisador sociólogo tenha algum conhecimento de fatores antropológicos que os condicionam.

Também se compreende que em países como o Brasil e o México a Sociologia tenha se desenvolvido em ligações mais ou menos íntimas com o Direito ou a Jurisprudência. Em nenhum desses dois países, como em nenhum dos demais da América Latina, dificilmente será bom jurista quem não tiver tido iniciação em estudos sociológicos e até cultive as duas especialidades, —a Sociologia e o Direito— como é o caso de Recaséns Siches no México —ou no mundo hispânico— e como acontece com o Professor Pontes de Miranda no Brasil: um jurista eminente que é também um sociólogo bem informado e sempre atual no seu trato de assuntos sociológicos. Sensíveis, os dois, ao que há de condicionamento sociológico em não poucos dos problemas com que precisa defrontar-se o jurista. Pois são problemas, alguns deles, socialmente ecológicos. Ligados a particularidades de ambiente tanto quanto de formação histórica que, como problemas dessa complexidade, exigem do jurista evitar o abstrato das soluções importadas para buscar quanto possível conceitos daqueles que correspondam a realidades específicas: próprias dos ambientes vivos e dos antecedentes históricos dos países de ecologias diferentes das comuns à Europa e aos Estados Unidos e de desenvolvimentos históricos complexos como são tanto o México como o Brasil.

Daí não faltar à Sociologia de Recaséns Siches, em justa medida, o sentido histórico. Aquele sentido histórico que aparece exaltado em Spengler como projeção de um presente que condicionasse passados do modo porque, qualificando o que afirma Spengler, especifica outro sociólogo moderno de língua espanhola, Francisco Ayala. É um condicionamento de particular interesse sociológico para as gentes hispanicas cujo passado direto, de atuação sobre o presente, nem é tão imediato que seja quase presente nem tão remoto que dificilmente se deixe associar ao presente. Aliás, está entre as constantes da Sociologia que vem se desenvolvendo entre as gentes hispanicas da América uma preocupação com o passado atuante sobre o presente que a distingue da Sociologia, em geral mais presentocentrista, dos angloamericanos. Mas para a qual alguns sociólogos angloamericanos mais modernos estão se voltando com crescente interesse. Aliás, o desejável é que as Sociologias nacionais e transnacionais —expressões mais do que culturas nacionais, de sistemas transnacionais de culturas, como é o hispanoamericano— se apercebam mais e mais de suas diferentes tendências para procurarem conciliá-las, em vários casos, em terceiras tendências. Ou em sínteses. Não

parece ser outra a orientação de Recaséns Siches indicada pelo seu particular interesse pela obra de von Wiese na qual ocorreu de modo ostensivo precisamente esse intercambio de tendencias, procurando-se conciliar com a tendencia germânica para a exaltação da teoria sociológica e dos seus aspectos filosoficamente especulativos a tendencia dos angloamericanos para desenvolverem nos estudos sociológicos a pesquisa de realidades, a análise de problemas concretos, um como pragmatismo. Tendencia em vários dos seus cultores de consecuencias lamentavelmente superficiais, mas à qual se devem obras primas de Sociologia Aplicada, sem prejuízo de especulações teóricas, como, entre outras, *The Polish Peasant*, de Thomas e Znanieck.

A Recaséns Siches não faltam recursos intelectuais e de personalidade criadora para seguir essa orientação conciliadora de tendencias aparentemente contraditórias mas na verdade, complementares, em estudos sociológicos que se realizem em profundidade. Não é unilateral. Para ele o que é sociológico é sempre complexo. Ao estudo empírico junta-se a indagação filosofica.

Quem é, em Sociologia, assim sensível ao complexo, precisa, é claro, de possuir nos seus estudos, uma superior capacidade de dominio sobre contradicções apresentadas pela matéria que considere. Uma rara capacidade para juntar à análise a necessária síntese.

Tal capacidade não tem faltado a Recaséns Siches. Ele é tão notável pelo seu poder de síntese como pela sua segurança na análise do material que considere. E para tanto é favorecido por uma expressão verbal que sem ser retórica é atraente, explicando-se assim que o seu modo de apresentar problemas e de interpretar teorias coloquem-no entre os mestres modernos, quer da expressão escrita —através de vários livros— quer da exposição oral —através de conferencias, de cursos, do ensino universitário sistemático. Tanto numa como noutra dessas formas de expressão é ele um expositor lido ou ouvido sempre com atenção e com interesse, tal a nitidez da sua palavra, sua precisão, seu poder de sugestão. É um julgamento, este, daqueles seus numerosos leitores que têm tido também a oportunidade de ouvi-lo como conferencista, como professor, em seminários, em conclaves, em congressos internacionais de carácter científico. Sua palavra é sempre esclarecedora. Seu modo de expor sempre lúcido. Seu feitio intelectual, nessas exposições orais ou escritas, sempre o do cientista social completado pelo humanista. Portanto, o do humanista científico.

Explica-se assim que sejam muitos os admiradores —inclusive os jovens— de Mestre Luis Recaséns Siches não só no México, nem apenas na Espanha ou no mundo hispanico, mas onde quer que haja apreço e interesse pelos estudos sociológicos. Na Alemanha, inclusive. Nos Estados Unidos.

No Brasil —parte do mundo histórico— não lhe têm faltado leitores e admiradores. É um sociólogo moderno a quem não falta, nos países onde se estimam as obras sociológicas, o apreço a que tem direito. É a esse apreço vem correspondendo considerável influencia de suas idéias, de suas

orientações, de seus métodos sobre numerosos sociólogos, quer, entre eles, alguns já provectoros, quer jovens a procura de mestres ou de orientadores.

Nela —nessa influencia— se afirma a atual capacidade da cultura —sob a forma de inteligencia criadora e de saber atuante— transnacionalmente hispanica, de, no setor das Ciencias do Homem, ser uma cultura viva e ativa e não parasitária e repetidora. É uma personalidade, a de Recaséns Siches que honra e abrilhanta essa cultura, através, no seu caso, de uma obra publicada e de uma atividade pessoalmente dinamica, que o impõe ao respeito de nãohispanos tanto quanto de hispanos.

Conclave ou congresso interhispanico ou internacional de cientistas e pensadores sociais de que participe Recaséns Siches pode-se estar certo de que é uma reunião vibrantemente intelectual. Ele é comunicativo sem ser orador retorico. Atrai e até seduz sem recorrer a artificios verbais ou a brilhos apenas de palavras. Sabe dialogar. Sabe discutir, além —como já foi dito— de argumentar.

É à margem das reuniões formais é uma figura esplendida com quem se conviver pelo que nele é encanto pessoal: simple, comunicativo, natural, sem pedantismo algum. Além do que, não é apenas um bom *causeur*: sabe ouvir. Ouve com inteligencia. Ouve de modo provocante. Aumenta seu saber, ouvindo. É —repita-se— dialoga. Não se fecha, quando fala, numa figura absorvente de declamador.

É assim um mestre com alguma coisa dos antigos mestres gregos. Um hispano com um tanto de helenico. Um intelectual complexo dentro de uma pessoa singularmente simples.